



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO II**

**KELLY DOS SANTOS**

**O MENINO MALUQUINHO: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA  
INFANTIL NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA**

**SALVADOR  
2009**

**KELLY DOS SANTOS**

**O MENINO MALUQUINHO: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA  
INFANTIL NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA**

Monografia apresentada para obtenção  
de título de Bacharel, pelo curso de  
Pedagogia da Universidade Federal da  
Bahia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Emília Helena Portella  
Monteiro de Souza

**SALVADOR  
2009**

**KELLY DOS SANTOS**

**O MENINO MALUQUINHO: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA  
INFANTIL NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA**

Monografia apresentada para obtenção  
de título de Bacharel, pelo curso de  
Pedagogia da Universidade Federal da  
Bahia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Emília Helena  
Portella Monteiro de Souza

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Emília Helena Portella Monteiro de  
Souza  
Faculdade Educação (UFBA)  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dinéia Maria Sobral Muniz  
Faculdade de Educação (UFBA)  
Componente da comissão

---

Prof<sup>a</sup>. Maria Auxiliadora Cerqueira Wanderley  
Faculdade de Educação (UFBA)  
Componente da comissão

**Salvador, 14 de julho de 2009.**

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho foi realizado graças à colaboração de algumas pessoas. Agradeço especialmente, a algumas delas:

Em primeiro lugar a Deus, por me dar força nesta jornada;

À professora Emília Helena pelo carinho e compreensão e pela preciosa ajuda, sem a qual não teria conseguido concluir este trabalho;

A minha família e aos meus amigos que me apoiaram no momento tão importante,

E especialmente a Giovani Juriti e Davi Juriti, os dois amores da minha vida, e principais motivadores de todas as minhas ações.

Ao meu filho, Davi.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra O Menino Maluquinho, do autor Ziraldo, verificando a importância da literatura infantil no processo de leitura e escrita. A pesquisa busca identificar de que forma o uso de obras literárias pode contribuir no processo de leitura e escrita, quais os aspectos e implicações que devem ser levados em conta, na utilização de tais obras com finalidade pedagógica. O resgate histórico foi necessário para identificar a gênese da literatura infantil, seu desenvolvimento no mundo e no Brasil e suas ligações com a pedagogia. Enfocam-se, também, as concepções pedagógicas e suas influências no processo de leitura e escrita. Finalmente, faz-se uma análise da obra “O Menino Maluquinho”, buscando como esta obra pode contribuir na formação da criança leitora e produtora de textos. E conclui-se que o uso de textos literários pode favorecer o processo de leitura e escrita, desde que seja levada em consideração a sua especificidade.

**Palavras-Chaves:** Literatura Infantil. Leitura. Escrita. Pedagogia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>1 LITERATURA INFANTIL RESGATE HISTÓRICO.....</b>	<b>09</b>
1.2 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	12
1.2.1 <b>Renovação da literatura infantil brasileira.....</b>	<b>15</b>
<b>2 AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA.....</b>	<b>19</b>
2.1 ONSTRUTIVISMO.....	20
2.2 SOCIOINTERACIONISMO.....	23
<b>3 ZIRALDO – A TRAJETÓRIA DE UM ARTISTA DE MÚLTIPLOS TALENTOS.....</b>	<b>26</b>
3.1 LITERATURA INFANTIL E A OBRA ZIRALDIANA.....	27
3.1.1 <b>Surgimento do livro “O Menino Maluquinho”.....</b>	<b>29</b>
3.3 METODOLOGIA .....	30
<b>4 UMA BREVE ANÁLISE DA OBRA “O MENINO MALUQUINHO”.....</b>	<b>32</b>
4.1 O MENINO MALUQUINHO: AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA.....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

A recorrência a obras literárias em sala-de-aula tendo em vista auxiliar o professor no processo de leitura e escrita dos seus alunos, já se tornou rotineiro. O ato de ler e escrever assume um papel relevante em um país, cuja educação tem como uma das principais metas a superação dos altos índices de analfabetismo. A leitura de textos literários passa, então, a nortear o processo pedagógico, e o livro assume um papel relevante nesse processo. Contudo, não há uma preocupação em se discutir/refletir sobre as formas de utilizar tais obras em sala-de-aula. Como elas podem interferir no processo de leitura e escrita? Afinal, é um instrumento pedagógico, ou arte literária? È possível conciliar propósitos literários com propósitos pedagógicos? Qual a sua importância afinal?

Incentivar o gosto pela leitura e escrita é uma das atribuições da escola. Os primeiros contatos dos pequenos com o mundo das palavras serão determinantes, no que concerne à formação da criança leitora e escritora. A utilização do texto literário como pretexto para ensino da gramática, sua transformação em instrumento para estudo da língua, só gera o desinteresse do educando pela leitura e escrita, e promove seu afastamento do livro. Dados indicam que 61% dos brasileiros com idade entre 15 a 64 anos têm muito pouco, ou nenhum contato com os livros; no Brasil, por pessoa são lidos apenas 1,8 livros (LINARDI, 2008). Portanto, atividades que tornem o livro fonte de prazer e enriquecimento precisam ser pensadas.

A escola ainda é um espaço privilegiado de formação, e às vezes é a única oportunidade que a criança dispõe para ter acesso à leitura. A escola precisa incentivar a leitura não apenas como mero instrumento de aprendizagem de determinados conteúdos, mas tendo em vista a formação do gosto pela leitura por toda vida.

Esta monografia tem como objetivo analisar, a partir da obra *O Menino Maluquinho* do escritor Ziraldo, a interferência da literatura infantil no processo de leitura e



escrita, e verificar quais os princípios que devem ser considerados para condução desse processo. Este estudo está estruturado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo analisa a literatura infantil resgatando-a historicamente, procurando determinar suas origens, apontado os fatores que propiciaram seu desenvolvimento, sua expansão no mundo, assim como no Brasil.

O segundo capítulo traz alguns conceitos de alfabetização, que evidenciam o quanto o processo de leitura e escrita é complexo, e também apresenta as duas principais concepções pedagógicas da contemporaneidade que oferecem suporte a esse processo de ensino. Também discute as relações entre literatura infantil e desenvolvimento.

O terceiro capítulo apresenta a trajetória de Ziraldo, sua produção, assim como o surgimento do livro *O Menino Maluquinho*, e a metodologia de análise da obra em questão.

O último capítulo analisa a obra *O Menino Maluquinho*, a partir de um referencial teórico, no qual se buscam os elementos que o caracterizam como texto literário, suas possibilidades educativas; verifica, também, as contribuições da literatura no processo de leitura e escrita.

Finalmente, são apresentadas as considerações finais e as referências.

## 1 LITERATURA INFANTIL – RESGATE HISTÓRICO

O homem, desde os primórdios da civilização, buscou instrumentos que pudessem expressar suas conquistas, conhecimentos, enfim, suas experiências de vida. A necessidade de registrar, de forma durável, essas experiências propicia o surgimento das inscrições rupestres, as simbologias e mais tarde os hieróglifos, por consequência a escrita e leitura. A literatura também surge em virtude dessa necessidade, e se tornará um importante instrumento de disseminação de conhecimento, cultura e valores. Na visão de Coelho (1985, p. 04):

E se, de todas as formas de expressão de que o homem dispõe para dar forma às suas vivências e experiências, as das Artes estão em primeiro plano, não há dúvida de que, entre as artes, a Literatura é das mais eloqüentes, devido à amplitude de seus recursos expressivos.

No período conhecido como modernidade, no qual a sociedade passou por profundas transformações, emergiu uma preocupação em criar uma literatura destinada às crianças, considerando as suas peculiaridades, ou seja, devido ao novo “status” dado à infância, ela passa a ser vista, como um ser diferente do adulto, merecedor de atenção especial. A partir de então começa a delinear-se a história da literatura infantil.

Faz-se importante, para melhor entendimento, conceituarmos e identificarmos a origem do gênero em questão, Coelho (1985, p.10) assim se expressa:

A literatura infantil é, antes de tudo, *literatura*; ou melhor, é *arte*: fenômeno de criatividade, que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos à vida prática; o imaginário ao real, as idéias e sua possível/impossível realização...

Ainda de acordo com a autora, não é possível dar uma definição exata de literatura infantil, pois o homem em cada época produziu e compreendeu literatura ao seu modo, ou seja, o conceito pode variar de acordo com cada contexto, particularidade de cada povo e época. A diferença no que se refere à natureza da literatura infantil seria o seu público, leitor-receptor, a criança.

A literatura infantil, chamada atualmente de “clássica”, teve suas origens na Novelística Popular Medieval, e esta encontra suas raízes na Índia, mais precisamente em fontes indoeuropeias. A literatura popular/ infantil ocidental tem ligação com as narrativas primordiais, que têm origem oriental, e segundo estudos de especialistas nesta área, elas foram preservadas e difundidas através da tradição oral. São destas narrativas primordiais que derivam as narrativas medievais arcaicas, que se tornaram populares na Europa e, posteriormente, foram difundidas em suas colônias, e acabaram sendo “absorvidas” pela literatura infantil. (COELHO, 1985).

Os franceses foram os primeiros a elaborar uma literatura para crianças, mas, apesar do pioneirismo, não tiveram a exclusividade em desenvolver esse gênero literário. Lajolo e Zilberman (1999, p.16) sinalizam que a expansão desta se deu paralelamente na Inglaterra, onde esteve estreitamente vinculada a acontecimentos de fundo econômico e social, que acabam por determinar suas características.

A revolução industrial deflagrada no século XVIII foi o marco histórico que promoveu transformações, em todos os âmbitos da sociedade, político, social, econômico, e até mesmo ideológico. Esse evento propiciou o desenvolvimento dos centros urbanos, devido às concentrações das fábricas, que por sua vez, atraiu um grande contingente de pessoas em busca de melhores condições de vida. É neste contexto que se consolida uma nova classe social, a burguesia, detentora de capital financeiro e em busca de poder político, a sua ascensão acarretou na criação de novos parâmetros sociais, e reestruturação de instituições como família e escola, objetivando atender suas aspirações.

O sentido de infância passa então a ser percebido sob um novo prisma. A criança até então, era considerada um adulto em miniatura, não havia uma diferenciação entre os dois segmentos, com a reformulação do modelo de família, os laços afetivos passam a ser valorizados. Os pequenos considerados em suas especificidades, é preciso zelar pelo seu bem estar, preservar sua pureza e inocência e, portanto, uma educação distinta se fará necessário. É neste contexto que emerge a literatura infantil, nitidamente associada a fins pedagógicos, isso porque os textos eram

elaborados para servirem de instrumentos da pedagogia, ou seja, uma finalidade altamente utilitária e pragmática.

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999, p.17)

As primeiras publicações visando à infância apareceram no mercado livreiro, a partir do século XVIII, conforme Lajolo e Zilberman (1999, p.15). E ainda segundo as autoras, antes disto, apenas no classicismo francês do século XVII, que foram escritas obras consideradas literatura apropriada a crianças, como as *Fábulas*, de La Fontaine, (1621/1692); *As Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, (1717); e os *Contos da Mãe Gansa*, de Charles Perrault (1697); que a princípio tinha como título histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades.

Como podemos perceber, os primeiros escritos que emergiu como literatura infantil são as Fábulas, (do latim-*fari* - falar e do grego - *Phao* - contar algo) trata-se de narrativas de natureza simbólica, pois são situações vividas por animais, mas que fazem alusão à situação humana, e têm por objetivo transmitir valores morais.

As fábulas têm origem oriental e, no século VI a. C, foram reinventadas pelo grego Esopo e, posteriormente, no século I a.C vão ser aperfeiçoadas por Fedro, em Roma. Esse gênero literário só terá uma formatação definitiva muitos séculos depois, através do francês Jean La Fontaine (1621/1692). Esse autor passou a ser lido por crianças de todo mundo, apesar de seus escritos não serem destinados a este público. Já Charles Perrault ficou conhecido como “Pai dos Contos de Fada”, em um período que não havia a definição do gênero literatura infantil, foi o primeiro a escrever especialmente para o público em questão. Ele transformou contos do folclore popular em história para crianças, é de sua autoria *Contes de Ma Mère L’Oye* ou *Contos da Mãe Gansa* (1691/1697).

Perrault não é responsável apenas pelo primeiro surto de literatura infantil, cujo impulso inicial determina, retroativamente, a incorporação dos textos citados de La Fontaine e Fénelon. Seu livro provoca também uma preferência inaudita pelo conto de fadas, literarizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral, adotada doravante como principal leitura infantil. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1999, p. 16)

No século XIX, a literatura infantil recebeu a importante contribuição de escritores como os irmãos Grimm, que editam uma coleção de contos de fadas destinados aos pequenos. Lajolo e Zilberman (1999, p.20) indicam que foi a partir de então, definido com maior segurança os tipos de livros que agradam a criançada, obedecendo à seguinte ordem, em primeiro lugar as histórias fantásticas, modelo que será explorado por Hans Christian Andersen em seus contos (1833), Lewis Carrol em *Alice no País das Maravilhas* (1863); Collodi, em *Pinóquio* (1883); e James Barrie, em *Peter Pan* (1911); são os mais conhecidos. Segue a primeira o gosto por histórias aventureiras, neste sentido temos as seguintes obras: James Fenimore Cooper, em *O Último dos Moicanos* (1826); e Jules Verne que publica varias obras a partir 1863; em terceiro lugar estão as historias que tratam do cotidiano infantil.

Os autores do século XIX tornaram-se os principais responsáveis pela consolidação da literatura infantil, seus escritos vão garantir a expansão dessa área, inclusive Lajollo e Zilberman (1999) ressaltam que, quando o Brasil começou a produzir livros para infância, a Europa já tinha um acervo literário sólido.

## 1.2 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

No Brasil, até o início do século XIX, não existiam escolas, pelo menos não da forma que a concebemos, hoje, institucionalizada e seriada, o setor de ensino estava abandonado, em situação precária, não havia professores capacitados, e muito menos o uso de livros em sala de aula. Coelho (1985, p.165) resalta que esse quadro se agrava ainda mais com a suspensão do ensino jesuítico, sem que outro sistema viesse a substituí-lo, apesar das tentativas isoladas, que ocorriam no país.

É com a chegada da Família Real de D. João VI (1808), que o setor educacional brasileiro sofreu significativa transformação, já que se pretendia estabelecer por aqui, a nova sede do reino. Criaram-se colégios, cursos e academias por todo o país, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia dentre outros, fazia-se urgente à formação de professores qualificados para atender as novas exigências da sociedade. Surgiu

o livro texto que possibilitou pensar em um livro recreativo, e a partir disto, a própria literatura infantil.

Neste contexto, a educação se reorganiza, e é garantida posteriormente com a constituição de 1824, que estabelece a gratuidade da educação primária. A classe média emerge em meio às diversas transformações, a inteligência e o saber adquirem um novo valor. Entre os nomes de destaque da época estão o de Rui Barbosa e Teodoro Morais que influenciaram com seu pensamento e produção a “nova pedagogia” então vigente.

A criação e expansão da imprensa propiciam a circulação de vários jornais infanto-juvenis, que acabam por despertar o interesse dos pequenos pela informação e cultura. As adaptações de livros destinados ao público infanto-juvenil aumentam, e simultaneamente começa a se firmar, no Brasil, uma consciência da necessidade de uma literatura própria, que valorize o nacional, para as crianças e juventude brasileira, assim como ocorria na área da literatura adulta, isto, conforme Coelho (1985, p. 166).

A literatura infantil surgida no século XIX no Brasil está fortemente associada a fins pedagógicos. “Essa experiência literária vai-se dar, inicialmente, no âmbito do ensino escolar. Literatura e pedagogia desenvolveram-se fortemente unidas” (Coelho, 1985). O principal objetivo era doutrinar, educar, moldar as crianças à sociedade da época, os livros raramente tinham a finalidade recreativa, nem a leitura era vista como fonte de prazer, o aspecto lúdico era inexplorado, seu caráter utilitário prevalecia.

De acordo com Coelho (1985), em minucioso estudo, “cronologicamente o primeiro livro brasileiro de grande repercussão no âmbito escolar, foi *O Livro do Povo*”, esta obra é de autoria do maranhense Antonio Marques Rodrigues (1826/1873). No prefácio deste livro, segundo Coelho (1985, p.170), o autor explica que procurou:

[...] satisfazer uma grande necessidade de nosso ensino primário; promover a uniformidade dos livros de leitura, e vulgarizar a história do Salvador do Mundo, os seus milagres, a sua doutrina, e os melhores preceitos de economia e ordem.

Esta afirmação deixa claro o caráter ético – didático vigente na época, como já foi constatado anteriormente. Outras obras importantes emergem a partir de então, vale ressaltar, inclusive, que algumas não vão se preocupar apenas com as questões ético - pedagógicas, entre os títulos sinalizados por Coelho (1985) estão: *O Método Abílio* (1868), de Abílio César Borges, série que teve grande influência, e contribuiu para a organização de um ensino brasileiro; *Série Ilustrativa* (1882), de Hilário Ribeiro, foi uma das obras mais populares nas escolas brasileiras até a década de 30; os *Contos Infantis* (1886), de Júlia Lopes de Almeida, sessenta narrativas em versos ou prosa, foi sua primeira contribuição à literatura destinada ao público infantil, que garantia diversão e instrução para as crianças; *Livro de Leitura e Série Didática* (1890), de Felisberto de Carvalho; *Coisas Brasileiras* (1893), de Romão Puiggarrí; a série *Livros de Leitura* (1895), de João Kopke; destaca-se ainda revista em quadrinhos, o *Tico Tico* (1905), obra de grande sucesso, que conta a história de Chiquinho, seu principal personagem, caracterizado como um garoto ingênuo e travesso, seu surgimento ocorre em um momento em que há uma valorização da imagem, no processo de aprendizagem infantil.

[...] surgimento, em 1905, da revista infantil O Tico-Tico. O sucesso do lançamento, a longa permanência da revista no cenário editorial, a importância de suas personagens na construção do imaginário infantil nacional, a colaboração recebida de grandes artistas [...] (LAJOLO, ZILBERMAN, 1999, p. 25)

Nesse período, o “espírito” patriota imperou, os escritores, pedagogos e intelectuais entregam-se ao dever cívico de escrever para crianças, sinaliza a autora Ana Maria Clark Perez (2007, p.6), dentre os nomes já mencionados, inclui-se também autores que já produziam para adulto, como Olavo Bilac, que a partir de 1904 começa a publicar contos e poemas para crianças, a exemplo de “Através do Brasil” (1910). A literatura infantil brasileira permanece inalterada até a década de 30, quando surge Monteiro Lobato, nome de grande importância no que se refere a esta área. Ele vai inovar totalmente o gênero em questão:

A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área de Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje [...] Rompe, pela raiz, com convenções estereotipadas e abre as portas para novas idéias e forma que o nosso século exigia (COELHO, 1985, p.185)

Monteiro Lobato tinha uma preocupação em escrever para o público infantil de forma diferenciada, utilizando uma linguagem que as interessassem, isto, mesmo antes dele publicar qualquer obra para esse segmento. Através da obra Lobatiana, a criança passa a ser percebida como ser autônomo e inteligente, capaz de buscar a compreensão do mundo em que vive. A originalidade é uma das marcas da obra de Lobato, embora ele usasse o acervo da literatura infantil de todo mundo. Entre suas obras destacamos, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920); *Narizinho Arrebitado /2º Livro de Leitura e O Saci* (1921); *Fábulas e O Marquês de Rabicó* (1922); *As Reinações de Narizinho* (1931); *Geografia de Dona Benta* (1935); *O Pica-pau Amarelo* (1939); *A Chave do Tamanho* (1942) e muitas outras (COELHO, 1985).

Alguns autores sinalizam que, na atualidade, o contato com suas histórias ocorre através de seriado televisivo da Rede Globo, *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, o que acaba por estimular a não leitura dos seus escritos pela criança. Coelho (1985, p.188) comenta “a criação de Lobato, transforma-se agora em puro *espetáculo de exterioridades*: cores, falas, música, movimentação, basicamente dirigidos aos olhos e raramente atingindo o *espírito* ou *mentes* das crianças”; corrobora com esta visão Perez (2007, p.7) “Lobato é até hoje reverenciado pela crítica especializada, apesar de ser pouco lido pela novas gerações, que preferem tomar contato com suas histórias através de seriado televisivo da Rede Globo”.

Nas décadas de 30 e 40 outros escritores também produziram obras infantis, porém não tiveram a mesma dimensão da obra de Lobato. Destacamos os seguintes autores, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso, Henriqueta Lisboa, Guilherme de Almeida. Já na década de 60 nomes ilustres passam a escrever para a infância, a exemplo de Cecília Meireles, e Clarice Lispector, importante lembrar que todos esses escritores mencionados acima produziram também para adulto, inclusive Monteiro Lobato, na verdade seus nomes já eram conhecidos nesse segmento.

### **1.2.1 Renovação da literatura infantil brasileira**



Como foi visto, várias “figuras” importantes produziram obras para o público infantil, porém, uma grande mudança nesta área só vai ocorrer na década de 70. Houve uma explosão de criatividade no campo da Literatura Infanto-Juvenil, conforme Perez (2007, p. 07) “há o início do boom da literatura infantil, o qual atingiria seu ápice nos anos 80”.

O desenvolvimento desse gênero literário decorre do aperfeiçoamento, de instituições responsáveis pela promoção de políticas do Estado, e também da entrada de grandes editoras no mercado, o que possibilitou uma vasta produção destinada ao público infantil. Perez (2007, p.07), não se tratou do surgimento de um ou outro autor, e sim, de uma produção em massa e bastante revitalizada, onde podemos destacar escritores como Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ruth Rocha, Ziraldo.

Essa “nova” literatura infantil foi bastante influenciada por novas concepções em torno da criança, devido à divulgação de pesquisas na área de psicolinguística, principalmente a respeito do ludismo e da socialização. O gênero em questão passou a partir daí, a apresentar diferentes formas, linguagens, estilos e, principalmente, será marcada por aspectos gráficos, ou seja, forte valorização de uma linguagem não verbal “livros infantis brasileiros contemporâneos têm o visual como centro, e não mais como ilustração e/ou reforço de significados confiados à linguagem verbal” (LAJOLO, ZILBERMAN, 1999, p. 128). As autoras ainda ressaltam que esse aspecto pode ser percebido através de obras como *Chapeuzinho Amarelo* (1979) de Chico Buarque; *Domingo de Manhã* (1976) de Juarez Machado; *Flicts* (1969) e *Menino Maluquinho* (1980) de Ziraldo.

Outra característica importante da literatura infanto-juvenil contemporânea é a abordagem de temas, até então evitados, como a miséria e o sofrimento, os livros destinados às crianças passam a retratar a realidade. As publicações brasileiras, a partir deste momento, começaram a abordar temas relacionados a diversos segmentos da atividade humana, o cotidiano, a família, a escola, as brincadeiras, as minorias raciais e até mesmo a política, dentre outros.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999, p.161), em estudo nesta área, nos informa que ocorreu também a adesão de gêneros e temas como histórias policiais e ficção científica, até então, cultivados esporadicamente, isso evidencia a crescente presença de elementos urbanos nas obras destinadas às crianças contemporâneas.

A Literatura Infantil no Brasil passou por várias transformações e momentos complexos, principalmente por conta da sua ligação com a pedagogia. A afirmação de Coelho (1985, p.218) permanece válida, na atualidade não existe um ideal absoluto de literatura infantil, e sim, características pertinentes aos livros infantis, nas quais destacamos as seguintes tendências e obras:

- a) A literatura realista: pretende expressar o real, tal qual é percebido, ou conhecido pelo senso comum. Obras: *Davi ataca outra vez* (Ruth Rocha); *Pivete* (Henry Correa de Araújo), *Sangue fresco* (João Carlos Marinho) *Era apenas um índio* (Ary Quintella).
- b) A literatura fantasista: apresenta o mundo maravilhoso, criado pela imaginação, e que existe fora dos limites do real e senso comum. Obras: *Uma ideia toda azul* (Marina Colasanti); *A fada que tinha idéias* (Fernanda Lopes de Almeida); *Historia meio ao contrario* (Ana Maria Machado); *O lobo do espaço* (Fausto Cunha).
- c) A literatura híbrida: parte do real e introduz o imaginário ou fantasia, anulando os limites entre um e outro, e nesta tendência se insere o realismo mágico tão em voga na contemporaneidade. E inscreve-se nessa linha uma nova corrente que redescobre as nossas origens basílicas ou a essencialidade e a magia da literatura mítica ou folclórica. Obras: *A bolsa amarela* (Lygia Bojunga Nunes); *A terra dos meninos pelados* (Graciliano Ramos); *Apenas um curumim* (Werner Zotz); *O misterioso rapto de flor sereno* (Haroldo Bruno).

Hoje, é notória a importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança, cognitivo, emocional e social, sua dimensão é muito abrangente, independente da corrente ou tendência pedagógica em que ela esteja inserida. A literatura infantil evoluiu muito, a quantidade de obras destinadas a esse público, que chega ao

mercado livreiro é impressionante, principalmente com a adoção dos livros por muitas escolas públicas.

## 2 AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E O PROCESSO DA LEITURA E ESCRITA

A alfabetização é uma das principais preocupações do campo educacional, uma evidência disso são as inúmeras pesquisas, estudos, projetos, dentre as ações, tendo em vista dirimir as dificuldades que envolvem este processo. A aquisição da leitura e da escrita se constitui como um dos elementos do processo alfabetizatório, porém, não encontramos um consenso sobre o que seja alfabetizar, um conceito exato de alfabetização, então, vejamos alguns.

A definição primordial é de aprendizagem da leitura e da escrita, CAGLIARI (1997, p.08); e ainda temos neste sentido: “Alfabetização é a ação de alfabetizar”, que por sua vez “é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever” (SOARES, 2001. p 31), esta visão reduz a alfabetização ao processo de aquisição da habilidade de leitura e escrita.

[...] nesta perspectiva alfabetizar-se significa adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em língua oral (ler). A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler). (ABUD 1987, p.7)

A alfabetização pode ser percebida numa perspectiva mais abrangente, em uma dimensão que vai além da aprendizagem da leitura e escrita, ela pode ser entendida “como fator de mudança de comportamento diante do universo, que possibilita ao homem integrar-se à sociedade de forma crítica e dinâmica; constitui uma das formas de promover o homem tanto do ponto de vista social como individual”.(ABUD, 1987, p 5)

Um termo que vem ganhando “espaço” entre os educadores é de letramento que segundo Soares (2001, P. 38) ”é o resultado da ação de “letrar-se”, se dermos ao verbo “letrar-se” o sentido de tornar-se “letrado”, de acordo com essa abordagem, letrar é mais que alfabetizar, vai além da aquisição do código escrito, é levar ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita, enquanto alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita. O letramento leva o indivíduo a apropriar-se da escrita sinaliza Magda Soares(2001). Com a adoção do

termo letramento, a aquisição da leitura e escrita ganhou dois pólos de abordagem totalmente diferentes.

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2001, p. 39/40)

A escola enquanto espaço de formação deve criar condições, para que o indivíduo, não só aprenda a ler e escrever, mas que também permita a apropriação da leitura e escrita. Porém a depender do pólo de abordagem, da concepção de alfabetização adotada pela escola, os rumos de ação podem ser totalmente opostos. Se forem considerados todos os aspectos, na sua forma mais ampla, pode se constituir em um instrumento de emancipação, já que, a utilização social leitura e da escrita leva o indivíduo a apropriação de bens culturais, que possibilitara que ele exerça sua cidadania de forma plena. Por outro lado, reduzir uma experiência enriquecedora e tão significativa para o sujeito, a uma simples aquisição da leitura e da escrita, converte o processo em algo mecanizado e enfadonho e dificulta sua integração na coletividade humana.

A aquisição da escrita e da leitura é um processo complexo, então, é necessário considerar os vários fatores envolvidos, e como estes se relacionam, só assim é possível determinar as condições que favorecem ou atrapalham a aprendizagem. A pedagogia tem se valido de várias teorias que contribuem para o entendimento de como a aprendizagem se processa, e baseadas nessas, define suas ações em diversas situações no campo educativo, dentre elas, a aprendizagem da leitura e escrita, ou seja, a alfabetização. Na educação contemporânea, temos duas teorias de aprendizagem predominante o Construtivismo e Sociointeracionismo.

## 2.1 CONSTRUTIVISMO

O construtivismo, diferente do que muitos pensam, não é método pedagógico, e sim, uma corrente teórica que busca explicar como a inteligência humana se desenvolve,

essa corrente deriva da teoria conhecida como epistemologia genética, desenvolvida pelo biólogo suíço Jean Piaget.

Este estudioso conseguiu fundir duas teorias então existentes, o apriorismo, que acredita que todo conhecimento é inerente ao próprio homem, ou seja, o saber está geneticamente dentro dele, basta um estímulo externo para vir “a tona”; partindo deste pressuposto a função do professor é estimular o aparecimento deste conhecimento. Já o empirismo postula que o conhecimento está nos objetos e nas observações do meio que cerca o homem. De acordo com este ponto de vista, o aluno é “tabula rasa” que pode absorver esse conhecimento, que por sua vez é fluido e passível de transmissão.

Piaget propõe que o conhecimento provém da interação do sujeito com o meio, a partir de estruturas existentes no próprio sujeito, de acordo com Fernando Becker professor de psicologia da educação.

PIAGET vai mostrar como o homem, logo que nasce, apesar de trazer uma fascinante bagagem hereditária que remonta a milhões de anos de evolução, não consegue emitir a mais simples operação de pensamento ou o mais elementar ato simbólico. Vai mostrar ainda que o meio social, por mais que sintetize milhares de anos de civilização, não consegue **ensinar** a esse recém-nascido o mais elementar conhecimento objetivo.  
(FERNANDO BECKER, 1992, p. 7-15)

Nesta linha de pensamento, ainda segundo o professor, sujeito e objeto se constituem mutuamente, à medida que o sujeito age sobre o objeto assimilado-o, essa ação assimiladora resulta na transformação do objeto. A epistemologia genética de Piaget descreve uma sequência de estágios, pelos quais a inteligência humana passa, ocasionada pela iteração mútua entre sujeito e seu meio.

Uma proposta educacional baseada em princípios construtivistas deve permitir que o aluno construa seu conhecimento através de programas educacionais integrados, pois, conforme Becker (1992), o construtivismo significa “a idéia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado”. Seguindo esse raciocínio, a aquisição da leitura e escrita é um processo em construção que não se esgota em si mesma, e que se desenvolve por toda vida. Sendo assim, o texto literário pode propiciar que

aluno tenha uma experiência integral, já que a literatura pressupõe a ideia de uma realidade não compartimentada.

Outro nome importante para o construtivismo é de Emilia Ferreiro, ela teve e tem forte influência no campo educativo brasileiro, principalmente, no que se refere à alfabetização. Baseada nas idéias de Piaget, mas direcionando seu foco para os mecanismos cognitivos relacionados à leitura e escrita. Ferreiro acredita que a criança tem um papel ativo na sua aprendizagem, com isso muda o foco da alfabetização do conteúdo ensinado, para o sujeito que aprende, e isso vai colocar em questão os métodos tradicionais de ensino. Vejamos o que diz Ferreiro:

Tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” ou de “prontidão” da criança. Os dois pólos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido caracterizados sem que se leve em conta o terceiro elemento da relação: a natureza do objeto de conhecimento envolvendo esta aprendizagem. (FERREIRO, 1995, P. 09)

Para Ferreiro, a alfabetização tradicional valoriza os aspectos externos da escrita, ou seja, saber desenhar as letras, deixando de lado as características conceituais, a natureza da escrita.

O modo tradicional de se considerar a escrita infantil consiste em prestar a atenção apenas nos aspectos gráficos dessas produções ignorando os aspectos construtivos. Os **aspectos gráficos** têm a ver com a qualidade do traço, a distribuição espacial das formas, a orientação predominante (da esquerda para direita, de cima para baixo), a orientação dos caracteres individuais (inversões, rotações, etc) Os aspectos construtivos têm a ver com o que se quis representar e os meios utilizados para criar diferenciações entre as representações. (FERREIRO, 1995, p.18)

Ela sinaliza que esses aspectos são secundários e que a aprendizagem da lecto-escrita não pode ser reduzida ao conjunto de técnicas percepto-motoras, nem se subordina a “vontade” ou “motivação”. Afirma ainda que a criança pensa sobre a escrita, elabora hipóteses, que vão evoluindo gradativamente até que elas consigam se apropriar do código lingüístico.

Em Psicogênese da Língua Escrita, de sua autoria em parceria com Ana Teberosky 1985, descreve as fases, pelas quais a criança passa até ser alfabetizada: Pré-silábica, Silábica, Silábica Alfabética.

Pré-Silábica: a criança não entende que a escrita pode representar a fala, não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada. Também tenta correspondências figurativas entre a escrita e o objeto referido. Considera que a escrita corresponde ao tamanho do objeto representado. Exemplo: a palavra urso é mais comprida que a palavra pato.

Silábica: interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma, não consegue ainda compreender que não basta uma letra para cada emissão sonora.

Silábica-Alfabética: é o período de transição dos esquemas prévios, e os esquemas futuros, ou seja, mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas, conflito entre hipótese silábica e a exigência mínima de grafia.

Alfabética: a criança já atribui valor sonoro às sílabas, e a escrita se aproxima da escrita convencional, ou seja, compreende que cada um dos caracteres corresponde a valores sonoros menores que a sílaba.

Emilia Ferreira concebe que a escrita tem uma função social, e isso é demasiadamente importante no processo alfabetizatório. E a compreensão dessa função social da escrita pode ser estimulada através dos textos literários, já que a leitura e escrita consistem em uma aquisição cultural, a literatura infantil permite que a criança construa seu conhecimento da linguagem escrita de forma lúdica e criativa.

## 2.2 SOCIOINTERACIONISMO

O Sociointeracionismo também é uma corrente teórica, baseada nos estudos do russo Vygotsky, na qual postula que o desenvolvimento decorre da interação do indivíduo com o outro e com o meio; esta teoria, o ambiente social é crucial para o desenvolvimento do homem, temos um sujeito moldado pela cultura.



Vygotsky postula que o homem nasce dotado de funções psíquicas elementares, que se caracterizam como reflexos, a partir destas, mediado pela cultura, desenvolve as funções psicológicas superiores, que são responsáveis pela deliberação e planejamento, entre essas funções se encontram a consciência e o discernimento, que são características que definem o homem, tornando-o diferente dos outros animais. Assim, o próprio processo de aprender promove o desenvolvimento das estruturas mentais superiores.

[...] a teoria de Vygotsky aparece como uma teoria histórico-social do desenvolvimento, que, pela primeira vez, propõe uma visão da formação das funções psíquicas superiores como “internalização” mediada da cultura e, portanto, postula um sujeito social que não é apenas ativo mas sobretudo interativo. (CASTORINA 1998, p.12)

Enquanto para Piaget a aprendizagem deriva do desenvolvimento, ou seja, só ocorre a partir do momento que está consolidada a estrutura de pensamento, subordinado-a assim ao desenvolvimento, já Vygotsky defende que são processo que se influenciam.

Um conceito muito importante para entendimento da teoria de Vygotsky é de zona de desenvolvimento proximal, que é a distância entre a zona de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, em outras palavras, é distância existente entre o que o sujeito já sabe e aquilo que tem potencialidade de aprender. Neste sentido, a ajuda de companheiros mais capazes vai ser determinante para a resolução de dificuldades. Apenas, as estruturas biológicas não são suficientes para que ocorra o desenvolvimento, vejamos o que diz Marta Kohl de Oliveira (1998, p.61/62),

O indivíduo não tem instrumentos endógenos para percorrer, sozinho, o caminho do pleno desenvolvimento. O mero contato com objetos do conhecimento não garante a aprendizagem, assim como simples imersão em ambientes informadores não promove, necessariamente, o desenvolvimento, balizado por metas culturalmente definidas. A intervenção deliberada dos membros mais maduros da cultura no aprendizado das crianças é essencial ao seu processo de desenvolvimento.

Partindo deste princípio no que concerne à aquisição da leitura e escrita, o indivíduo só poderá ler e escrever se participar de situações que provoquem este aprendizado; é necessária uma intervenção intencional para que se dê a alfabetização. Vygotsky deu extrema importância à linguagem, pois esta traz consigo conceito consolidado da cultura que são extremamente importantes na relação do indivíduo com o mundo que o cerca. Portanto, baseado neste ponto de vista, podemos afirmar que a arte literária pode contribuir significativamente no desenvolvimento das crianças e na sua formação enquanto sujeitos sociais, já que a obra artística oferece um acúmulo de conhecimentos, e apresenta um universo cheio de desafios e possibilidades.

### 3 ZIRALDO - A TRAJETÓRIA DE UM ARTISTA DE MÚLTIPLOS TALENTOS

Ziraldo Alves Pinto nasceu na cidade de Caratinga em Minas Gerais, em 24 de outubro de 1932. Neste local passou sua infância e fez o ensino básico. É um homem de múltiplos talentos: desenhista, cartazista, jornalista, advogado, escritor, teatrólogo dentre outros.

Sua paixão pelo desenho vem da mais tenra idade, e aos 6 anos teve seu primeiro desenho publicado na Folha de Minas. Também desde a infância cultiva o gosto pela leitura, em especial: Monteiro Lobato, Viriato Correa, Clemente Luz, e principalmente os gibis da época de onde começou a vislumbrar seu futuro.

Em 1949, vai para o Rio de Janeiro, onde cursa o Científico na MABE (Moderna Associação Brasileira de Ensino), é daí que inicia sua profissionalização como desenhista e criador da revista *Coração*, colabora com as revistas *Vida Infantil*, *Vida Juvenil* e *Sezinho*. No ano de 1951, retorna a Caratinga para fazer o Tiro de Guerra. Mas no ano seguinte, muda-se para Belo Horizonte para cursar a faculdade de Direito.

A carreira de Ziraldo começa de fato na revista infantil *Era uma Vez*, com a qual passa a colaborar mensalmente. Em 1954, começa a trabalhar no jornal Folha de Minas com uma página de humor, jornal este que publicou um dos seus desenhos ainda quando criança. Seus trabalhos foram publicados ainda nas revistas *A Cigarra* (1957), *O Cruzeiro* (1957), *Jornal do Brasil* (1963).

Ziraldo produziu cartazes para vários filmes brasileiros como *Os Fuzis*, *Os Cafajestes*, *Os Mendigos* e *Selva Trágica*. Foi nos anos 60 que seus cartuns e charges políticas começam a aparecer na revista *O Cruzeiro* e *Jornal do Brasil*, em que os personagens Jeremias, O Bom, a Supermãe e Mineirinho tornaram-se bastante popular.

Ainda na década de 60 produz histórias em quadrinhos, na primeira revista deste gênero feita por um só autor. *A Turma do Pererê* traz a história de uma turma chefiada por um saci pererê, figura esta que faz parte do imaginário popular brasileiro. Com a tomada do poder pelos militares, a revista foi fechada, estes personagens só voltaram a serem publicados em 1975.

Ziraldo realizou um forte trabalho de resistência à repressão no período da ditadura militar, e fundou junto com outros humoristas um jornal não conformista importantíssimo, *O Pasquim*. Na Revolução Militar, com a edição do AI-5, ajuda a esconder muitos companheiros contrários ao regime, e um dia após a edição deste ato, é preso e levado para o Forte de Copacabana, sendo considerado um homem perigoso.

Em 1968, a revista suíça *Graphis* publica uma matéria com sua produção, e em 1969 é premiado com Oscar Internacional de Humor (Bruxelas). Recebe ainda um convite muito especial, desenhar o cartaz anual da Unicef, sendo o primeiro da América Latina a ter tal honra. Foi contemplado com o Merghantealler, prêmio máximo da imprensa livre da América Latina dentre outros.

Vários textos seus foram encenados no teatro como: *Os Cangurus* (1965), *Este banheiro é pequeno demais para nós dois* (1980), *Feira do adultério* (1975) e muitos outros.

Ziraldo é um artista consagrado, e tem seu talento reconhecido nacional e internacionalmente, com uma produção de grande amplitude, não se limitando a um só campo.

### 3.1 LITERATURA INFANTIL E A OBRA ZIRALDIANA

Já sabemos que a partir da década de 70, a produção literária destinada a crianças volta a fecundar. Em decorrência das mudanças no período, passa-se a ter uma

nova visão de homem e concepção de mundo. A literatura infantil, não ficou a parte destas transformações, e influência dos novos princípios vigentes, valoriza-se a partir de então a criatividade, a consciência da linguagem, e a consciência crítica.

Essa “nova” literatura infantil passa a fundir diversas linguagens, estilos, formas e perspectivas, e busca o rompimento com o compromisso pedagógico. Surgem diversos livros com intuito de atrair o pequeno leitor, o que fará da linguagem imagética e visual um importante elemento na produção literária.

As histórias produzidas para o público infantil passam a ser cheia de humor, valorizado o lado lúdico, o prazer, ao mesmo tempo em que diverte faz com que os pequeninos tomem consciência do mundo e de si mesmos. Já foi explanado que Ziraldo produz para revistas infantis desde 1949, porém seu interesse na literatura destinada à criança se iniciará, de fato, no final dos anos 50, com a criação da série “*O Pererê*”. Mas foi no período citado acima que sua obra começa a “florescer”. O ludismo, a criatividade, e o espírito crítico, tão característico das obras ziraldiana, o tornaram um dos autores de destaque no período.

Em 1969, quando inicia a expansão da literatura infantil, ele publica *Flicts*, considerada uma obra original, onde cores e imagens fundem-se ao pensamento poético e espírito lúdico. (COELHO, 1983)

*Flicts* é o primeiro livro infantil de Ziraldo, é uma obra tipo álbum de figura, e conta à estória de um personagem, que não tem sua identidade definida. Nesta obra, destaca-se o uso de muitas cores e poucas palavras, predomínio da imagem/visual sobre a escrita.

*O Planeta Lilás* publicado dez anos após *Flicts*, e assim como o primeiro segue uma linha simbólica, conta à estória de um bichinho que vivia em um universo lilás, e se aventura a bordo de uma nave espacial para além desse universo. Nesta obra, o autor mistura poesia e ficção, e com ela, Ziraldo revela a importância da palavra, e mostra que livro é maior que o universo, pois, este cabe todo dentro de suas páginas.

### 3.1.1 Surgimento do livro “O Menino Maluquinho”

*O Menino Maluquinho* é um livro infanto-juvenil, publicado em 1980, que se tornou um dos maiores sucessos editoriais brasileiros. Este livro tornou-se tão popular que até dezembro de 2006, segundo o site wikipédia, já havia vendido mais de dois milhões e meio de exemplares.

*O Menino Maluquinho* talvez seja a obra mais importante da vida de Ziraldo, no seu website oficial [www.ziraldo.com](http://www.ziraldo.com) diz que este livro modificou totalmente sua vida, e a partir deste nasceram todas as outras publicações, com exceção de *Flicts*. Este livro foi o responsável por transformá-lo definitivamente em um autor para crianças. Além de ter consagrado Ziraldo como autor infantil, ele o levou a conhecer de perto a escola primária brasileira, mesmo não sendo uma pessoa especializada nesta área.

No ano do seu lançamento na Bienal do Livro em São Paulo, esta obra rendeu a Ziraldo o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. A partir do livro surgiram, peças de teatro, filmes, ópera infantil, quadrinhos, videogame, além de uma série de TV exibida pela TV Cultura.

O livro traz, de maneira leve e cômica, a história de um menino sapeca e travesso “maluquinho”, e acima de tudo muito alegre, cheio de invenções, que sabe viver a vida. Veja o que diz a especialista em literatura infantil, Fanny Abramovich em depoimento sobre obra (1988),

Uma delícia das mais deliciosas este menino maluquinho que o Ziraldo inventou. Este menino que tem cara de irmão que a gente queria ter, do amigão do peito muito bem do escolhido. Porque de maluquinho ele não tem é nada... É um menino divertido solto, com cuca muito da saudável, inventor de invenções ótimas, curtidor de tudo que é gostoso, sabedor do que precisa se saber e até poeta. Um menino mesmo, daqueles que a gente conhece e ama de car! Eu pelo menos, me apaixonei por ele, de paixão perdida [...]

Ziraldo publicou e continua publicando diversas obras que já foram traduzidas para vários idiomas. As suas obras abordam uma diversidade de temas, alguns delicados,

como o divórcio, a morte, racismo; outros divertidos, as travessuras da infância, o cotidiano. O que mostra a facilidade que autor tem de tratar uma diversidade de assuntos, sempre com humor e criatividade, contendo respeitando o espaço da criança.

### 3.3 METODOLOGIA

O homem constantemente busca respostas para suas indagações, e por conta disto lança mãos de instrumentos que possam responder de forma satisfatória essas indagações. Um dos meios mais utilizados é a pesquisa, que consiste em um conjunto de ações propostas para encontrar soluções para um determinado problema. É neste intuito que desenvolvemos esta pesquisa: buscar respostas para as indagações no que concerne à importância da literatura infantil no processo de leitura e da escrita.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, pois propõe um estudo crítico-interpretativo do objeto de pesquisa, a literatura infantil. Tem como suporte dados teóricos de estudos sobre o assunto em questão.

Neste estudo, será analisada a obra “O Menino Maluquinho” de autoria de Ziraldo, tendo como objetivo identificar de qual forma a literatura infantil influencia no processo de leitura e escrita, e as implicações de seu uso em atividades pedagógicas. Vale destacar que não será usada teoria literária ou linguagens específicas para análise da obra, e sim, como citado acima, dados teóricos de autores que tratam do assunto abordado.

Foi escolhido o livro *O Menino Maluquinho* por ser uma obra bastante popular e que tem uma grande aceitação pelo público infantil, por coexistirem diversas linguagens no mesmo texto, o que permite uma leitura mesmo daqueles que não dominam ainda o código escrito. Tendo assim a indicação para leitores de diversas idades.

Primeiro, identificaremos os autores que abordam o assunto em discussão, literatura infantil, leitura e escrita, para que assim tenhamos um conhecimento teórico acerca do assunto tratado. Através das leituras desses autores, buscaremos coletar os dados necessários que subsidiará a nossa pesquisa.

Em seguida, serão analisados os elementos constitutivos e as características da obra *O Menino Maluquinho* tendo como suporte as abordagens de especialistas em literatura infantil. Através desta análise, busca-se identificar se a obra apresenta os componentes necessários que possam auxiliar no processo de leitura e de escrita, assim como a importância ou não da literatura infantil nesse processo. Por último, procuraremos confrontar o referencial teórico, e os dados obtidos da análise, buscando estabelecer as relações existentes entre pedagogia, literatura infantil e processo de leitura e escrita.



#### 4 UMA BREVE ANÁLISE DA OBRA “O MENINO MALUQUINHO”

Este capítulo tem em vista analisar a obra supracitada. Primeiro, buscaremos identificar suas características e alguns elementos constitutivos, tendo como suporte o estudo de especialistas que abordam o tema literatura infantil e sua importância; no sub-capítulo que se segue, buscaremos estabelecer as relações entre literatura infantil e pedagogia, sua interferência no processo de leitura e escrita, e como a obra em questão pode contribuir para o desenvolvimento deste processo.

O livro *O Menino Maluquinho* conta a história de um menino muito danado e sapeca, que por fazer muitas travessuras, ser cheio de idéias e invenção, é tido como um menino maluco, ou melhor, maluquinho, o que não se confirma, pois, ele assume atitudes típicas de uma criança normal e feliz, como indica o final do livro. A narrativa gira em torno das relações familiares, escolares, amizades, brincadeiras, além de trazer temas como separação, namoro.

A obra *O Menino Maluquinho* é uma narrativa contemporânea, endereçada ao público infantil, inserida na linha do realismo cotidiano, especificamente, o realismo lúdico. Nesta tendência, são enfatizados a aventura de viver, a alegria, os conflitos do convívio humano e as travessuras do dia a dia.

Nesta obra, o autor aborda a infância de forma lírica e poética, ele funde diferentes linguagens de forma bem humorada e inteligente, para contar a história do seu principal personagem.

Ele inicia o livro com o clássico “Era uma vez” para descrever as características do principal personagem, e introduzir o leitor na narrativa, Ziraldo (1988, p. 07):

##### **Era uma vez um menino maluquinho**

Logo de início percebe-se que o texto funde linguagens diferentes, a imagética e a textual, o código escrito leva o leitor ao sentido metafórico das palavras, enquanto o

código visual o sentido literal. Esta fusão presente na obra é muito importante, pois, vai permitir ao leitor uma experiência vigorosa, possibilitando uma dupla fruição da arte, de acordo com CUNHA (1990, p.5), “O livro de verdadeira literatura infantil, se ilustrado, é o encontro de pelo menos dois artistas, que oferecem à criança uma dupla fruição da arte – experiência nada desprezível”.

A ilustração tem um papel muito importante na obra literária infantil, principalmente, no que se refere às crianças que ainda não têm um domínio do código escrito, e podem auxiliar no processo de leitura e escrita. De acordo com Walter Benjamin (1984, p.56) “A criança aprende com a ilustração ao mesmo tempo a língua e a escrita”.

Para estas crianças o desenho das palavras não tem significado, à medida que a imagem permite fácil interpretação. Segundo Cunha (1990), isso ocorre porque estes sinais (signo) matêm relações próximas, na aparência com o objeto representado, fazendo com que seja imediatamente entendido pelo receptor. Partindo deste pressuposto, qualquer criança ou pessoa de qualquer nacionalidade, mesmo que não conheça a sua língua, poderá identificar, através da imagem, um objeto representado. Já a palavra, seja ela, escrita ou falada, depende de vários fatores, como as convenções nas quais ela está embasada.

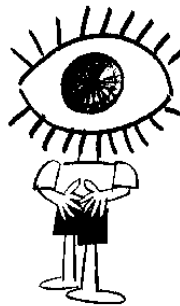
As imagens fazem parte da vida das crianças, desde o seu nascimento, é através destas que elas começam a explorar e a estabelecer relações com o mundo que as cercam, “É pela imagem que a criança pequena vai poder estabelecer relações entre o seu eu e os outros, tornando possível que determinada consciência-de-mundo passe a integrar seu pequeno mundo interior” (COELHO, 1984, p.30). Os estudos da psicanálise ligados ao campo pedagógico confirmam que a linguagem visual é um dos elementos mais eficazes para o estabelecimento de relação de descobertas e conhecimento entre as crianças e o mundo das formas que as rodeiam.

Cunha (1990) nos chama a atenção para o valor artístico da ilustração. O seu uso no texto literário só se justifica levando em consideração esse valor, pois, assim como a literatura, enquanto arte, deve possibilitar uma multiplicidade de interpretação, deve

permitir que a criança vá além do próprio desenho. Como podemos perceber, a ilustração torna o livro atrativo, motivando à criança para a leitura.

A linguagem visual quando usada de maneira equivocada, como mero complemento textual, ou não tem nenhum vínculo com o texto, acaba empobrecendo a experiência literária, a fruição artística, neste sentido a ilustração deve ser livre de estereótipos, de padrões pré-estabelecidos, deve permitir a inovação, a liberdade, à emancipação literária das crianças.

Na obra, *O Menino Maluquinho*, percebe-se que o autor se preocupa com a liberdade. Ao adotar as ilustrações em preto e branco, ele “abre espaço” para a imaginação e fantasia, pois fica a cargo do leitor, inventar ou não as cores para os personagens e cenas existentes no texto. Podemos perceber, também, através de algumas ilustrações presentes no livro, que as expressões são representadas literalmente, porém acreditamos que isso decorre de uma opção consciente do autor, não de uma simples tradução do que está dito, o autor utiliza esse recurso para dar um caráter lúdico, cômico ao texto. Veja, Ziraldo (1988, p.08)



**Ele tinha o olho maior do que a barriga**

Em alguns trechos da narrativa, fica clara a importância da interação entre a ilustração e o código verbal; o texto, por si só, reduziria a multiplicidade de interpretação propiciada por esta fusão. Vejamos a ilustração a seguir.



### Tinha fogo no rabo

A expressão “tinha fogo no rabo”, é muito conhecida e é usada para indicar meninos muito inquietos, traquinos, que não param no lugar, afinal ninguém conseguiria se conter, se o bumbum (popularmente rabo), estivesse pegando fogo, o autor genialmente, através da ilustração, foi além do que a expressão escrita poderia sugerir. As palavras “fogo” e “rabo” também têm um sentido simbólico ligando a “diabo”, que por sua vez tem relação com as características do personagem, danado, inquieto, impulsivo, ou seja, “endiabrado”. Através apenas da expressão talvez não fosse explorado este outro sentido das palavras apresentadas.

O escritor infantil e ilustrador Ricardo Azevedo (1993), sinaliza que as palavras são entidades abstratas e virtuais que se realizam ou se atualizam dentro de consciências, portanto, a ilustração interfere na significado do texto.

O recurso da ilustração é usado também, para dar dinamicidade e expressão à obra. Isto pode ser percebido, claramente, nas páginas 16 -17, a figura da cabeça do menino (de cabeça para baixo) aparece no canto superior esquerdo da página dupla, ao lado da expressão *às vezes cantava lá*, enquanto a figura de uma nota musical aparece na parte inferior direita ao lado expressão *e logo já estava aqui*. E nas páginas 84 - 85 o menino aparece no centro de uma página dupla e margem direita e esquerda, apenas os pés do pai e da mãe, cada um indo para um lado, a ilustração reforça a ideia de ausência.

Verificamos que o uso da linguagem imagem é válido, é inegável seu valor e as possibilidades oferecidas, permitindo que a criança se aproxime cada vez mais do livro infantil.

Em relação ao texto, as frases são curtas e as orações se limitam ao essencial. É um texto simples, mas não simplista, pois reúne elementos como estilo e coerência, requisitos importantes para a literatura infantil. O tamanho das letras também é relevante, letras grandes e redondas, como as usadas no texto em questão, favorecem a leitura, principalmente, para crianças em início de leitura. O autor recorre também a recursos da poesia, para retratar liricamente a infância do menino, propiciando leveza, fluidez e sonoridade ao texto. (ZIRALDO, p.22/23, 1988)

Na turma em que  
ele andava  
ele era  
o menorzinho  
o mais espertinho  
o mais bonitinho  
o mais maluquinho  
eram tantas coisas  
terminadas em inho  
que os colegas não entendiam  
como é que ele podia ser  
um companheirão.

No processo de leitura e escrita, a linguagem poética é um excelente instrumento didático. A poesia é muito apreciada pelo público infantil, tanto na criança como na poesia há um predomínio da linguagem afetiva, capaz de aguçar os sentidos e as emoções.

O vocabulário empregado na obra observa-se o uso de metáforas a exemplo de “Ele tinha o olho maior do que a barriga”, que permitem ao autor “brincar” com o sentido das palavras. Segundo Coelho (1984), a linguagem figurada permite representar visualmente as idéias abstratas, difíceis de serem transmitidas diretamente.

A temática da obra está diretamente relacionada à vida, ao cotidiano, às experiências das crianças, ou seja, traz a representação do universo infantil. (ZIRALDO, 1988, p. 36/64/88):

Mas aí o menino explicou:

“A bomba já explodiu, gente.

Lá no colégio “.

“Esse menino é maluquinho!”

falou o pai, aliviado.

E foi conferir o boletim.

E chorava escondido

se tinha tristezas

O menino maluquinho

jogava futebol

As brincadeiras, a escola, as tristezas, são situações vivenciadas pela criança, a identificação com as histórias retratadas propiciam que os pequeninos estabeleçam um diálogo com elas, vivenciando emoções, juntamente com os seus personagens, de uma forma prazerosa, favorecendo assim sua formação. Coelho (1984, p.30) sinaliza:

Sempre centrada em situações motivadoras, retiradas da realidade cotidiana e perfeitamente compreensíveis pelo espírito infantil, as mensagens desses livros são essencialmente formadoras de uma consciência-de-mundo bastante generosa facilmente assimilada pela criança.

Ao retratar situações da realidade das crianças, além de conquistar o leitor, também o ajudará a resolver suas dificuldades, esclarecer suas emoções. Fanny Abramovich (2006, p.17) chama a atenção que:

[...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüillidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Baseado no exposto acima, a auto-identificação ajuda na resolução dos conflitos, favorecendo assim a aceitação e enfrentamento das situações, sendo assim, a obra *O Menino Maluquinho* reúne os elementos que favorece esta auto-identificação.

#### 4.1 O MENINO MALUQUINHO: AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA.

O vínculo entre literatura infantil e pedagogia, advém desde sua criação derivado da preocupação com a formação da criança, o que acabou por transformá-la em instrumento da pedagogia. A utilização da obra literária com finalidade pedagógica é um acontecimento comum à maioria dos países ocidentais.

O uso do texto literário e escola têm em comum a natureza formativa, ou seja, ambas estão voltadas para formação do indivíduo, ao qual se destinam (ZILBERMAN, 1998, p.21). Por conta disto, o seu uso em sala de aula acaba suscitando questionamentos sobre a natureza e finalidade da literatura infantil, afinal, o que ela seria arte literária, ou arte pedagógica? Qual a sua função, distrair ou ensinar?

A natureza formativa é uma função compartilhada, tanto pela literatura, como pela pedagogia, entretanto, é necessário que haja uma distinção para evitar equívocos, como usar a literatura infantil como objetivos essencialmente pedagógicos. A literatura infantil enquanto objeto que provoca emoções, dá prazer, diverte, portanto, é arte, mesmo porque, é impossível conceber literatura sem arte. Contudo, se vincula a área pedagógica a partir do momento que serve de instrumento a uma intenção educativa, não significando, com isto que precise ser subserviente a esta. Neste sentido, Zilberman (1998, p.23) sinaliza “Porque a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores”.

A partir do exposto acima, como conciliar os métodos pedagógicos com a literatura infantil, sem descaracterizá-la? O uso da literatura infantil, como meio para conseguir objetivos pedagógicos, só tem sentido, se levado em conta o valor estético subjacente a toda obra de arte. Neste sentido, deve-se valorizar leituras, que não tenham caráter instrucional, moralizante, o que deve prevalecer é a qualidade

estética, ao nosso ver, característica presente na obra *O Menino Maluquinho*. Já que não percebemos nesse livro caráter instrucional, o objetivo não é veicular valores, ensinar algo, mas contar de forma lírica e lúdica, a infância de um garoto e suas peripécias. Em entrevista concedida em 2001 para Marilena Loss Bier, o autor de *O Menino Maluquinho* ele deixa claro seu posicionamento sobre o papel do livro:

[...] o livro deve deixar a criança apaixonada para ela aprender a conviver com o livro por toda a vida. Não adianta querer fazer civismo com literatura infantil, nem se deve dar lições de moral, tentar tornar o livro “útil” a criança não gosta e vai abominar o hábito de ler (BIER, p, 78, 2004)

A arte se desenvolve integrando as três áreas vitais do homem, a motora, a cognitiva e a apreciativa, porém a ligação do indivíduo com a arte, sua “fruição” decorre de uma aprendizagem apreciativa. A área apreciativa está relacionada com gostos, opções, atitudes, crenças, na qual a aprendizagem é orientada pelo prazer e desprazer. Neste caso, teremos a combinação do acúmulo de experiência aliado às sensações agradáveis. (CUNHA, 1990).

Nesta perspectiva, a escola deve propiciar atividades nas quais o texto literário constitua-se numa fonte de prazer, de enriquecimento, sendo assim, o sujeito irá interessar-se pela vivência, pelo processo, mais do que pelo resultado final. Partindo deste pressuposto, a leitura não deve se sujeitar à busca de um conjunto de objetivos específicos, pois o texto literário, enquanto arte é marcadamente conotativo, possibilita vários níveis de interpretação, assim como toda manifestação artística.

No entanto, não podemos negar que a leitura de obras literárias é um eficiente instrumento de alfabetização, decorrente da influencia que a literatura exerce sobre o receptor, que é sempre ativa e dinâmica, de forma que este não permanece indiferente aos seus efeitos. A literatura infantil oferece ao educando, riqueza de motivações, sugestões, que podem auxiliar o educador a estimular o desejo à vontade do aluno, que são elementos que favorecem a aprendizagem. Conforme Zilberman, (1998, p.22) a literatura procede da seguinte forma:

Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e



diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

A literatura infantil reúne características que podem levar o educando de forma eficiente ao mundo da leitura e escrita. Uma delas é abordar assuntos de interesse da criança, como já mencionamos, e a partir destes, podemos despertar sua atenção para a forma linguística e a representação gráfica. Porém, é necessário ter cuidado, para que isto não ocorra de forma mecânica e artificial, ou seja, transformar uma atividade que em si já é prazerosa, em um mero instrumento didático, como já foi visto, tiraria da literatura o seu valor enquanto atividade artística. Isto, pode ser conseguido com obras como "*O Menino Maluquinho*" que permite que um diálogo entre o sujeito e o que lhe propõe o texto, possibilita leituras divergentes, e literatura é isto, fruto de uma relação entre leitor e texto.

*O Menino Maluquinho*, por trabalhar com vários temas relacionados ao universo infantil, consegue esta aproximação entre leitor e texto, provocando uma interação deste com a narrativa literária. É através desta interação com o mundo escrito que o livro leva o leitor ao mundo subjetivo e desenvolve o gosto pela leitura, e por consequência, também influirá no processo de leitura e escrita.

Através da literatura, a criança pode estabelecer um vínculo entre o real e o imaginário, isso é demasiadamente importante, pois, estimula a fantasia e a criatividade. As autoras Yunes e Pondé (1989, p.47) afirmam que:

A fantasia é uma maneira de traduzir a realidade [...] O discurso literário abre perspectivas para a percepção do mundo do ponto de vista da infância, traduzindo então suas emoções, seus sentimentos, suas condições existenciais em linguagem simbólica que efetue a catarse e promova um ensaio geral da vida: isso já ocorre com o brincar em que a própria criança pode tornar-se narradora, o 'autor' do texto.

Isto significa ir além do que contar histórias, mas compartilhar sentimentos, emoções, conhecer o mundo e a si mesmo. É também através da exploração da fantasia e da imaginação que se fortalece a relação entre leitor e texto e contribui, desta forma, para a construção do processo de leitura e escrita de forma prazerosa e lúdica.

Segundo (VYGOTSKY, 1982, apud, JAPIASSU 2008) nos fala que a imaginação e fantasia são os principais elementos da atividade criadora. No seu ponto de vista, o faz-de-conta reflete na capacidade criadora infantil, porque nele a criança elabora a experiência vivida em seu meio social, edificando novas realidades de acordo com os seus desejos, necessidade e motivações. A partir do exposto, podemos concluir que nada melhor que a literatura infantil para estimular essa capacidade criadora, já que ela enquanto arte reúne os requisitos para tal.

Infelizmente, não é que nos educadores temos visto, em muitas escolas, há um reducionismo das obras de literárias a simples cartilhas, usa-se questionários, exercício, e até mesmo avaliações, para se certificar que o aluno realmente leu a história e para atribuição de nota. Dessa forma, não se estimula à capacidade criadora, muito pelo contrário a sufoca, pois, é necessário liberdade como em toda atividade artística.

Essa liberdade deve se estender no que se diz respeito à intervenção do professor, pois na maioria das vezes, esta ocorre por intermédio do educador, é ele quem escolhe o texto, que estabelece os objetivos, e define como será o processo, é necessário deixar o educando a vontade para tais leituras, sem estabelecer uma esquematização previa. E só posteriormente coletivizar aquela experiência, pois, ato de leitura é um ato individual e esta característica precisa ser preservada. O professor deve respeitar as necessidades dos seus educandos, as atividades devem ocorrer de forma natural, sem as habituais imposições.

Sabemos que a aquisição da leitura e escrita vai além da simples codificação e decodificação de palavras, é necessário que o educando não só aprenda a ler e escrever, mas que ele domine as práticas sociais de leitura e de escrita. Então, neste sentido, práticas tradicionais de alfabetizar, de inserir o aluno no mundo da leitura e escrita precisam ser revistas. A Professora Ana Maria Kaufman, em entrevista à revista Nova Escola comenta:

[...] a única forma de alfabetizar é ver a leitura e a escrita como práticas sociais. Ensinadas de forma solta, as letras, as palavras e as normas gramaticais não servem para formar leitores e escritores. Essas coisas

apenas têm sentido quando estão incluídas em situações de leituras (KAUFMAN, 2009)

O texto literário pode desempenhar um papel significativo, através dele podemos trabalhar a leitura e escrita de forma integral e contextualizada com a realidade do educando-o, levando a dominar não só os aspectos mecanismos da leitura e escrita, mas contribuindo para o seu desenvolvimento.

A obra *O Menino Maluquinho*, seja pelas construções linguísticas, seja pela forma como o autor apresenta o universo infantil, e as demais características já evidenciadas, pode contribuir de maneira positiva no processo de leitura e escrita. A imaginação, a fantasia, o senso estético são elementos manipulados através desta obra, possibilitando, assim, o que o educador desenvolva um trabalho de forma criativa e prazerosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de crianças leitoras e escritoras é um dos objetivos que a educação contemporânea se propõe. Apesar de todas as mobilizações neste sentido, verifica-se que esta não é uma tarefa fácil de ser alcançada. A recorrência a textos literários que servem de base para atividades pedagógicas é frequente. Porém não há um discernimento sobre as reais possibilidades que estes textos apresentam, nem uma orientação adequada no que concerne a sua utilização, em sala-de-aula, dentre uma série de aspectos, alguns presentes nesta pesquisa.

Dentre esses aspectos destacamos a constituição da literatura infantil, sua imbricação com a pedagogia, já que a primeira teve sua gênese por demanda desta última, o conhecimento de como foi estruturado todo esse processo é fundamental, para que o educador tenha o lastro teórico que, aliado a sua prática, poderá balizar suas ações.

O contato com o livro, principalmente de texto literário, deve ocorrer desde a mais tenra infância, pois, quanto mais cedo for estabelecido este contato, maiores serão as chances de as crianças desenvolverem o gosto pela leitura, e por consequência, o desenvolvimento da escrita. Mesmo não decodificado o código escrito, através da literatura infantil, seja oral, escrita ou visual, a criança poderá vivenciar práticas de leitura e escrita, sem falar na promoção do desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

O texto literário tem o poder de estimular a imaginação, responder as indagações do individuo, suscitar o espírito crítico do leitor, estimular a curiosidade, dentre uma série de benefícios. Esses elementos, de forma conjugada, podem se constituir em uma poderosa ferramenta propulsora da aprendizagem das diferenciadas formas de leitura e escrita. Contudo, é necessário que o educador conheça a forma de aprendizagem do aluno, esteja em contato permanente com o universo infantil.

O processo de leitura e escrita ocorre de forma gradativa, e não se encerra na simples aquisição do código escrito, ele é constante e inacabado. Portanto, a escola, enquanto espaço de formação, deve oferecer aos pequeninos experiências significativas que desenvolvam o gosto pela leitura e escrita de forma criativa e prazerosa. Uma orientação adequada propiciará que os educandos percebam esse processo não como algo estanque, restrito ao contexto escolar, mas que se estende por toda a sua vida. A literatura infantil, por apresentar um universo mítico fantástico, pode auxiliar o aluno na construção de um processo contínuo de leitura e escrita.

A literatura infantil permeia o processo de leitura e escrita e, como sabemos, tem uma importância ímpar na formação do sujeito. Devido a esse potencial, muitas vezes, o professor ansioso em promover um contato das crianças com o livro, o faz de forma impositiva, ou então, o transforma em mero entretenimento, jogo, deixando de lado suas reais possibilidades. Neste sentido, se faz necessário que este educador tenha conhecimento efetivo, no que concerne ao texto literário, para que ele possa se constituir em fonte de prazer e enriquecimento.

O uso de obras literárias não deve servir a propósitos meramente didáticos, como a ensinar a ler e escrever, é necessário que a literatura seja vista em toda sua amplitude. Através dela podemos não só mobilizar a habilidade de leitura e escrita do aluno, assim como também propiciar a construção de um cidadão crítico e reflexivo, ou seja, um indivíduo participante, autônomo, que leia, escreva, traga a sua voz, que extrapole o texto escrito, possa também ler o mundo que o cerca, pois, como já dizia Paulo Freire: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

A obra *O Menino Maluquinho* estimula não só a prática de leitura e escrita, pois, ao estabelecer um diálogo com o imaginário infantil, propicia uma leitura do mundo ao seu redor, e só consegue isto por ser literário, por apresentar um acúmulo de significado que só uma obra artística é capaz.

Este estudo buscou evidenciar de que forma a literatura infantil interfere no processo de leitura e escrita e suas implicações, e como a obra *O Menino Maluquinho* serve a esse propósito. Diante do exposto, verificamos a relevância da literatura infantil na constituição deste processo, sem precisar para isto perder as suas características

enquanto atividade artística. Claro que este tema não se esgota por aqui, ainda é possível uma série de discussões, já que as dificuldades, envolvendo este processo estão longe de uma solução definitiva. Porém este tipo de estudo, mesmo que modesto, permite uma reflexão em torno de um tema que merece a nossa atenção.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- ABUD, Maria José Milharezi. **O ensino da leitura e da escrita na fase inicial de escolarização**. São Paulo: Epu, 1987.
- AZEVEDO, Ricardo. **Pensando em ilustrações de livros**. Linguagem e linguagens. Série idéias 17. São Paulo: FDE, p.45-48, 1993. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo16Pensando.htm>> , acesso em 02/06/2009.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- BECKER, Fernando. **O que é construtivismo?** Revista de Educação AEC, Brasília, v. 21, n. 83, p. 7-15, abr/jun, 1992.
- BENJAMIM, Walter. **A criança o brinquedo a educação**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1984.
- BIER, Marilena Loss. **A criança e a recepção da literatura infantil contemporânea: uma leitura de Ziraldo**. 2004. 161f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem. Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL. Tubarão, 2004.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- CASTORINA, José Antonio. O debate Piaget-Vygotsky. In: **Piaget-Vygotsky: Novas contribuições para o debate**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 9-46
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira 1882-1982**. São Paulo: Quíron, 1983.
- \_\_\_\_\_. **A literatura infantil: história teoria análise**. 3ª ed. São Paulo: Quíron, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo**. 3ª ed. São Paulo: Quíron, 1985.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 1990.
- FERRARI, Márcio. **Lev Vygotsky: o teórico do ensino como processo social**. Nova Escola, out . 2008. Edição especial. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/lev-vygotsky-teorico-423354.shtml>> acesso em: 05/04/2009

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. 24ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FRANZONI, Vilma. **Manual de normalização de apresentação de teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso (TCC) da Universidade de Sorocaba**. 4ª ed. Sorocaba, 2006. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/2346374/Normas-ABNT-Para-Trabalhos-Academicos>> acesso em 25/06/2009.

FROTA, Marcel. **Como fazer sua monografia**: tutorial mostra padrões definidos pela ABNT para trabalhos científicos. Abr. 2009. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=16867#>>, acesso em 25/06/2009

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Vygotsky e a criação artística**. Disponível em: <<http://vertenteculturalteatroinfantil.blogspot.com/2008/04/vygotsky-e-criao-artstica-infantil.html>> acesso em 02/06/2009

KAUFMAN, Ana Maria. **O aluno precisa de informação para refletir**. Nova Escola, mar. 2009. Edição especial. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/aluno-precisa-refletir-431189.shtml>> acesso em 05/04/2009

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

LINARDI, Fred. **O x da questão**. Nova Escola, jul. 2008. Edição especial. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/x-questao-423887.shtml>> acesso em 05/04/2009

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1979.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Pensar a educação: contribuições de Vygotsky. In: **Piaget-Vygotsky**: Novas contribuições para o debate. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998. p. 51-81

**O Menino Maluquinho**. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Menino\\_Maluquinho](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Menino_Maluquinho) , acesso em 27/05/2009

PEREZ, Ana Maria Clark. **Literatura infanto-juvenil**: para que? Belo Horizonte, out. 2007. Disponível em: < [www.cultura.mg.gov.br/.../suplementoliterario/.../sl-outubro-2007.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/.../suplementoliterario/.../sl-outubro-2007.pdf) > Acesso em 08/04/2009

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3ª ed. Florianópolis, 2001. Disponível em :



[http://74.125.47.132/search?q=cache:X1YPqUyUyOAJ:projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%2520da%2520Pesquisa%25203a%2520edicao.pdf+metodologia+da+pesquisa+cientifica&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang\\_pt](http://74.125.47.132/search?q=cache:X1YPqUyUyOAJ:projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%2520da%2520Pesquisa%25203a%2520edicao.pdf+metodologia+da+pesquisa+cientifica&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang_pt) acesso em 23/05/2009

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10ª ed. São Paulo: Global, 1998.

ZIRALDO. **O menino maluquinho**. 28ª ed. São Paulo: Melhoramento, 1988.

ZIRALDO. **Biografia completa**. Disponível em: <<http://www.ziraldo.com.br/>> acesso em 27/05/2009

YUNES, Eliana; PONDÈ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 1989.